

**Evento:** XX Jornada de Extensão

**A ANGÚSTIA NA PASSAGEM IDENTITÁRIA INFANTIL PARA  
ESTRUTURAÇÃO DA VIDA ADULTA E A SIGNIFICÂNCIA COM A  
REORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE ADOLESCÊNCIA NA TERAPIA<sup>1</sup>  
ANGUST IN CHILDEN IDENTITY PASSAGE FOR STRUCTURING ADULT  
LIFE AND SIGNIFICANCE WITH THE REORGANIZATION OF THE  
ADOLESCENCE PROCESS IN THERAPY**

**Vanessa Taís Müller Andreolla<sup>2</sup>, Tais Cervi<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de estágio realizado no curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>2</sup> Aluna de Psicologia, UNIJUI -Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS, Brasil. vane\_andreolla07@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, docente no curso de Psicologia do Departamento de Humanidades e Educação, UNIJUI -Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS, Brasil.

#### INTRODUÇÃO

O tema abordado discute a questão da transição da identidade infantil à vida adulta na qual o adolescente se encontra, e a constante angústia referente a essa etapa em que o sujeito busca sentido, uma significação para sua existência. O objetivo desse trabalho é descrever sobre a angústia na adolescência e algumas questões que se desenrolam quando está não é escutada.

#### METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no componente curricular Estágio Básico I, no primeiro semestre de 2019. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica através de artigos e livros.

#### RESULTADO E DISCUSSÕES

O sujeito na adolescência passa pela transição da infância para a vida adulta, preocupa-se essencialmente com a busca de um sentido para a vida, escolhas de futuras decisões, perpassa e vivência tarefas de formação da sua identidade e construção de autonomia enquanto sujeito. Dentro disso, a puberdade origina um conjunto de transformações que demanda reajustamentos e adaptações do mesmo nesse período. As novidades de seu novo corpo convoca a angústia, o estranhamento por medo desses acontecimentos desconhecidos e em alta escala que o envolvem. Para Freud (1996, p.189), “a angústia tem inegável relação com a expectativa: é angústia por algo. Tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto”. Nesse sentido, a adolescência é um momento complexo, onde surgem diversas dúvidas, inseguranças, enfrentamento de angústia emocional, que se apossa de grande parte das decisões em que ele deve delegar. Preenche-o de medo, ansiedade, tristeza, inquietação. Além disso, pode originar um mal estar psíquico e muitas vezes sintomas físicos que tornam a vida limitada. As gerações atuais são envoltas no lema de alcançar o sucesso, apresentadas precocemente à cultura da multitarefa, fazer muitas coisas ao mesmo tempo e em pouco tempo, invocando pressão, sofrimento e frustração.

**Evento:** XX Jornada de Extensão

Angústias se fazem extremamente necessárias para que o sujeito se constitua como ser, mas também o deixam emperrado, gerando inclusive casos de depressão. Causa pensamentos de desespero e preocupação. Caracteriza-se por sintomas físicos como tonturas, problemas digestivos, pressão no peito, cansaço, tensão muscular. A incerteza é um ponto marcante da angústia que acontece em grande escala na adolescência. Como o sujeito é obrigado a conviver com as incertezas, a angústia se intensifica demasiadamente nesse período.

A angústia é uma condição existencial do ser humano. Na psicanálise, a angústia é um afeto de extrema importância, uma questão central na clínica das neuroses. Torna-se uma doença quando ela vira um estado permanente, onde a pessoa precisa de ajuda para atravessar estes momentos que insistem em não passar. Nesse sentido, os sujeitos que passam por esse sofrimento, em grande escala os adolescentes devido ao período que os delinea, precisam de ajuda para construir outras formas de respostas diante dessas incertezas. Isso torna o trabalho que se faz em um processo de psicoterapia, altamente significativo permitindo abrir novos caminhos.

Essa é uma fase que precisa ser efetivamente vivida e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema de existir" (WINNICOTT, 2005, p. 115).

A adolescência é demarcada por profundas transformações físicas e emocionais, é nesse tempo que o corpo até então infantil, se modifica, bem como os níveis hormonais. O adolescente vai precisar se adaptar com essa perda da identidade infantil e se reestruturar enquanto adolescente nesse seu novo mundo. Essa tarefa é de extrema dificuldade, onde quando não bem estruturada pode levar o adolescente a casos mais graves, como a depressão, de déficit de atenção e hiperatividade, e outros relacionados ao uso de drogas e transtornos alimentares, como bulimia e anorexia.

Essa constante irritação e instabilidade que sofre o adolescente na angústia, quando não bem resolvidas e a duração de sintomas persiste, levam aos casos de transtornos, que podem se agravar seriamente caso não sejam direcionados ao tratamento. O cortar a própria carne se torna real como satisfação perante essa dor interna que o esmaga, e a disseminação à qual vem obtendo a prática de automutilação para suavizar esse sofrimento emocional ou psicológico e está sendo caracterizada contemporaneamente uma epidemia.

Essa autoagressão é um problema de extrema preocupação. O jovem que se corta, possui grande dificuldade de lidar com os seus sentimentos, seu contexto, sua vivência que se refletem nas marcas deixadas pelo corpo na autoagressão. Para aqueles que se auto agridem, a prática é uma tentativa de aliviar sensações como a angústia, raiva, frustração, tristeza, ansiedade. A não detecção dessa situação muitas vezes leva ao suicídio. Para tanto, é fundamental o diagnóstico e o tratamento com o sujeito, sendo que as principais vias de prevenção estão relacionadas à manutenção do bem estar psicológico.

A escuta clínica possibilita tratar as causas e, portanto o seu sofrimento. Para Freud (1996), a angústia é um mecanismo que protege o Eu daquilo que ele não dá conta, que preserva do trauma e que põe em jogo o processo de repressão ou recalque. Já Lacan (1985) vai falar da angústia como um sinal do afastamento do sujeito em relação ao seu próprio desejo.

Lacan afirma (1962-1963/2004, p. 93) que "agir é arrancar da angústia sua certeza. Agir é operar

**Evento:** XX Jornada de Extensão

uma transferência da angústia". Na terapia é possível entender suas emoções, assim como pensamentos reprimidos, desejos, sentimentos e condutas. Compreendendo seus desejos, atitudes, emoções tornam-se os primeiros passos para a projeção futura e maior controle sobre a angústia que sofre.

O psicólogo auxilia o trabalho do sujeito com seus problemas, no sentido de eliminar o sofrimento, buscando resolver o conflito em que se vê envolvido, aprendendo a lidar melhor com suas emoções. Percebe-se a importância desse trabalho com os jovens, pois as questões abrangentes do adolescente, o processo pelo qual ele fará as escolhas futuras, acompanhamento no desenvolvimento de ideias que desencadeiam o resultado final, para que possa ser mais produtiva.

A presença sensível e o acolhimento promovido pelo psicanalista o que permite aos analisandos romper com a barreira do isolamento traumático no qual se encontram e desfrutar, às vezes pela primeira vez na vida, a onipotência e a irresponsabilidade da infância, ou seja, da capacidade lúdica e criativa implicada na realização de um gesto singular (KUPERMANN, 2014, p.180).

É um espaço-tempo unicamente destinado a cuidar das suas questões mais importantes ou íntimas, onde ele exercita e compartilha, com o psicólogo, reflexões profundas acerca de suas dificuldades, favorece uma reorganização pessoal que lhe possibilitará vencer os obstáculos que porventura estejam impedindo o seu desenvolvimento enquanto sujeito. O processo terapêutico é capaz de gerar transformações profundas na pessoa, pois trabalha para melhorar suas relações com o meio, com o seu mundo interno. A angústia como sofrimento psíquico, gera sensação de desamparo, a qual na terapia o sujeito é delineado a dar significância para torná-la algo construtiva e não corrosiva.

Porém iniciar uma terapia não é fácil, ainda mais no quadro de angústia, esses movimentos estão ligados a várias dificuldades, dentre elas a de vencer os mecanismos, criados pelo indivíduo, para se proteger. Para tanto são indicados procedimentos para que o psicólogo facilite esse ingresso do paciente e possa estabelecer uma boa relação, propiciando a eficácia da terapia.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência determina ao jovem a sua formação identitária, saindo da vida infantil e entrando na vida adulta, delinea a construção de sua autonomia. Nesse mesmo tempo, a puberdade inicia com um conjunto de mudanças na ordem do reajustamento e da adaptação em níveis físicos e hormonais. As novidades dessas transformações convoca a angústia, momentos de inseguranças e incertezas, que podem discorrer em sofrimento psíquico. O adolescente vai precisar se constituir e reorganizar com essa perda da identidade infantil e se reestruturar enquanto adolescente, tarefa extremamente difícil que pode levar à diferentes psicopatologias, e em casos mais severos, resultar no suicídio. A terapia com essência na manutenção do bem estar psíquico visa reorganização pessoal que lhe possibilitará o seu desenvolvimento enquanto sujeito. Este, por meio de um processo terapêutico pode encontrar significância, sentido para as questões de angústia mal resolvidas.

Palavras-chave: Psicologia; Jovem; Transformações; Transtornos.

**Evento:** XX Jornada de Extensão

Keywords: Psychology; Young; Transformations; Disorders.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e Outros Trabalhos. 20. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 189 p.

KUPERMANN, Daniel. Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições. 2. Ed. São Paulo: Escuta, 2014. 180 p.

LACAN, Jacques. O seminário: Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 70-71 p.

LACAN, Jacques. Le séminaire: Livre 10: L'angoisse. Paris: Seuil, 1962-1963/ 2004. 93 p.

WINNICOTT, Donald Woods. Privação e delinquência. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 115 p.